



## **Mídia e cultura: uma narrativa de veja sobre o indígena brasileiro<sup>1</sup>**

1. Carolina da Silva COSTA<sup>2</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

2. Everson Umada MONTEIRO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo compreender a narrativa da revista *Veja* na formação de identidade cultural dos indígenas, tendo como objeto de análise a reportagem jornalística publicada na edição 2163, no dia 05/05/2010. O semanário objeto da pesquisa torna-se importante nesta análise em função de sua ampla audiência no Brasil, além da grande influência no cenário político e na formação da cultura brasileira. O método proposto para a análise das reportagens é o da análise crítica da narrativa, que permite compreender em profundidade as estratégias do jornalismo de dar fluxo às narrativas hegemônicas, no que se refere à formação de uma identidade cultural indígena, ou mesmo descortinar matrizes discursivas, as ideologias que se organizam em meio ao processo dramático de contar histórias.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade cultural, índios, narratologia, mídia.

### **INTRODUÇÃO**

As notícias sobre os índios frequentemente são destaque nos meios de comunicação de massa, entretanto é necessário compreender os discursos narrativos que perpassam pela sociedade. A análise midiática dos elementos da narrativa admite que a cultura esteja sempre imbuída de significados e de valores, capazes de gerarem novos olhares sobre o conceito de identidade.

Com o objetivo de compreender a narrativa da revista *Veja* na formação da identidade cultural do indígena brasileiro, este trabalho tem como objeto de pesquisa a reportagem: “A farra da antropologia oportunista” publicada no semanário na edição 2163, no dia 05/05/2010. O método de análise a ser seguido será o narrativo da vertente de Luiz Gonzaga Motta, com o intuito de conhecer a história relatada.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania, GP - Comunicação para Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: carolcosta-22@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestrando em Comunicação do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: eversonum@gmail.com



O semanário paulista, objeto da pesquisa, torna-se importante nesta análise em função de sua ampla audiência no Brasil, com mais de um milhão de exemplares comercializados semanalmente. Assim, a escolha da narrativa jornalística de Veja justifica-se pela credibilidade que o semanário possui com o seu público, além de organizar o sistema social, a fim de moldá-lo, apresenta grande influência política na formação da cultura brasileira.

A respeito da temática indígena a mídia reproduz os fatos através das suas estórias formando uma ideologia, na qual constrói a identidade cultural indígena inserido em uma sociedade globalizada regida por um Estado Neoliberal. “O desenvolvimento da mídia ajudou a criar um mundo em que os campos de interação podem se tornar globais em escala e em alcance e o passo da transformação social pode ser acelerado pela velocidade dos fluxos de informação” (THOMPSON, 2001, p.107).

Assim, a partir da comunicação narrativa, no texto jornalístico será possível compreender o discurso de Veja, na tessitura de sua estória, sobre a formação de uma identidade cultural indígena.

## **MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ÍNDIO**

A era contemporânea é marcada pelo confronto de uma gama de identidades culturais, em que há um enriquecimento, uma troca cultural. Contudo não há como negar a tensão existente entre o global e o local, sendo que estes possuem interesses ideológicos divergentes, embora a globalização atue como um processo desigual que tem sua própria geometria de poder. A globalização possui uma implicação de pluralizar as identidades produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, tornando as identidades menos fixas e unificadas.

Em essência dois movimentos importantes: a globalização como desterritorialidade cultural, no sentido de inserir novos modelos culturais numa ordem planetária; e o processo de aumento do poder dos mercados, com o neoliberalismo, que provocam alterações na forma de gerir o estado-do-estar social. Neste contexto, estão as narrativas midiáticas, que se organizam em torno dos novos modelos de sociedade, seguindo um discurso hegemônico que se estabelece, com isso interferindo na política, economia e culturas nacionais e regionais. Nesta perspectiva são descritas as estórias com seus protagonistas e antagonistas, considerando os acontecimentos que envolvem



os enfrentamentos entre grandes produtores exportadores e comunidades nativas, dentre elas efetivamente os indígenas brasileiros.

A comunicação de massa ao construir as suas narrativas concede ao indivíduo uma versão arquitetada através de filtros culturais e técnicos, ou seja, as notícias e reportagens são produtos, gerado de circunstâncias sociais e disputas simbólicas. Como correlata Silverstone, a mídia “filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum (2002, p.20). No entanto esta disputa pelo poder simbólico, por quem tem mais voz e condições de impor seu ponto de vista na narrativa acerca dos fatos, se acirra em uma negociação intensa pela produção do corpus resultante, a versão das ocorrências que se conquistará a hegemonia social. (BOURDIEU, 1989). Em outras palavras, as narrativas publicadas pelos meios de comunicação é uma verdade hegemônica construída através das relações de poder, que constitui a própria realidade.

As relações de poder presentes tanto em uma narrativa quanto nos veículos de comunicação é resultado das relações sociais hierarquizadas já estabelecidas na sociedade. Conforme observa Michel Foucault, que há as “sociedades de discurso” (2008, p. 39-40) e o poder expressa-se como um regime de correlação de forças que circulam, sem possuir um caminho ou uma simetria fixa. O poder não está necessariamente cristalizado em instituições e situações de dominação ou de sujeição estáveis e permanentes, manifesta-se muito mais em uma multiplicidade de correlações de forças como um jogo instável e incessante que se transforma, flutua, se inverte e reverte. Neste sentido, numa sociedade globalizada a mediação ganha importância, no entanto, como analisa Bourdieu, há os riscos a serem observados.

Enfim, o poder se manifestaria também nas relações discursivas e situações narrativas, indo e vindo, mudando constantemente de lugar ou posição. Este poder não se restringe ao domínio dos meios materiais e dos aparatos políticos e institucionais, mas do “controle sobre o imaterial e o intangível seja das informações e conhecimentos, seja das ideias, dos gostos e dos desejos de indivíduos e coletivos” (LATRES e ALBAGLI, 1999, p.8).

No que se refere ao processo de construção e de reafirmação de identidade, a mídia tem ampliado o seu espaço e importância na produção cultural e na construção do imaginário social (MENDONÇA, 2009). Nas sociedades tradicionais “o imaginário social derivava de uma prolongada sedimentação e decantação dos estoques simbólicos



que davam identidade a uma determinada sociedade, hoje a temporalidade contemporânea impõem seu ritmo também ao movimento do imaginário” (RUBIM, 1995, p.42). Neste contexto, a aceleração do processo da esfera simbólica reflete nos processos de construção de identidade, que ocorre em detrimento das múltiplas situações, nas relações sociais e nas representações do mundo simbólico (MENDONÇA, 2009).

Stuart Hall relata que “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” (HALL, 2003, p. 9), esta transformação estrutural que o autor cita refere-se as diversas mudanças nos campos de atividades do homem que está modificando as identidades, que antes eram estáveis, agora estão se decentralizando, causando uma instabilidade no indivíduo moderno, fragmentando-o. Sendo assim, os tempos atuais alteram os modos de vida, devido a existência de uma pluralidade de centros de poder, as instituições.

A identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através dos processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo ‘sempre’ sendo formada. (HALL, 1998, p.38).

A globalização se apresenta como a *deslocadora* das identidades culturais nacionais, em que três possíveis consequências são expressas: desintegração das identidades nacionais como resultado da homogeneização cultural, reforço de identidades pela resistência a esse processo e a construção de novas identidades híbridas. Uma das principais características sobre construção de novas identidades híbridas é compreensão do espaço-tempo que faz se sentir que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância (Hall, 2003). Compreender que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia “global” e a necessidade da compreensão de mundos espaciais e temporais. As relações espaço-tempo têm efeitos profundos sobre a forma com que as identidades são representadas e localizadas.

Ao se analisar a realidade dos povos indígenas brasileiros a partir do termo aculturação, pode-se observar que os índios passaram por intenso processo de mudança em suas tradições, seus rituais e costumes sociais, se comparado às tribos do período de colonização. Atualmente o que se nota, é que o índio está cada vez mais inserido na sociedade, muitas das vezes, fazendo parte do sistema capitalista, sendo atribuído a ele a função de mão de obra trabalhadora.



Entretanto “configura-se, assim um novo mapa: as culturas indígenas como parte integrada à estrutura produtiva do capitalismo, mas sem que sua verdade se esgotou” (BARBERO, 2013, p. 264). O indígena possui uma identidade que *não é fixa*, que ao longo do tempo sofre alterações e se desenvolve, embora, com resistência sofra influências da cultura dominante. Entretanto, deve-se ressaltar sua capacidade de se desenvolver culturalmente, de modo autóctone. Ainda assim, cabe argumentar sobre sua relação numa sociedade capitalista, inserido neste sistema.

Os povos indígenas são designados como nativos habitantes originados das terras pertencentes ao continente americano. No Brasil, estima-se que quando o território foi descoberto pelos colonizadores havia cerca de 5 milhões de índios habitando o território, hoje esta população, segundo os dados do IBGE de 2010, é de aproximadamente 900 mil índios de 305 etnias.

Por fim, em tempos atuais de globalização, em que a mediação atua como importante produtora de conhecimento e formadora da opinião pública, a imagem cultural do indígena vem sendo construída como um sujeito aculturado que está inserido no sistema atual. Além do mais, sua identidade é posta em crise ao retratar o indígena associado à cultura ocidental, caracterizando-o como um sujeito que quer ser inserido na sociedade e pertencer ao sistema capitalista, como mão de obra trabalhadora.

## **METODOLOGIA DA ANÁLISE NARRATIVA DO JORNALISMO**

A narratologia da vertente de Motta (2004) é concebida como um ramo das Ciências Humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades. A fim de sustentar os argumentos das hipóteses e fornecer explicações plausíveis sobre os fenômenos observados, a narratologia é utilizada para entender como os sujeitos sociais constroem “intersubjetivamente seus significados através da apreensão, representação e expressão narrativa da realidade” (MOTTA, 2004, p.83).

Conceituando-se narrativa, ela é um dispositivo textual argumentativo que visa seduzir e envolver o leitor, desvelando intencionalidades que lhe são implícitas. Por outro lado, ela é uma “composição mais heterogênea que homogênea, revelando no processo de sua configuração correlações de poder e disputas pela cocriação e interpretação do sentido público dos eventos” (MOTTA, 2004, p.20). Além disso, as narrativas como paradigma são consideradas pelo mesmo autor como “composições de fragmentos e flashes encadeados linearmente, com início, clímax e fim, seguindo



critérios que as configuram como tal — e que culturalmente são aplicados na leitura dos acontecimentos pelo homem” (MOTTA, 2013, p.49).

Neste trabalho, o produto jornalístico selecionado para ser o objeto de análise é a reportagem sobre o indígena brasileiro, intitulada “A farra da antropologia oportunista”, publicada na Revista Veja edição 2163, no dia 05/05/2010.

Esta análise é feita a partir de um instrumento interpretativo, uma técnica hermenêutica que revela processos de representação e de constituição da realidade historicamente situadas, onde há confrontos com outras representações possíveis (MOTTA, 2004). Assim, através da compreensão do texto e de sua configuração é possível revelar o jogo de poder, descortinar a correlação de forças que se exerce nas relações discursivas interpessoais e coletivas.

Para Motta (2013), as narrativas, enquanto objeto, podem ser analisadas em três instâncias expressivas e significantemente: a) plano de expressão; b) plano da história ou conteúdo e c) plano da metanarrativa. Estas instâncias não são classificadas de maneira hierárquica pelo autor, mas são separadas de forma operacional para compor um método que facilite a análise. O *plano da expressão* é toda a superfície do texto onde o discurso é proferido pelo narrador através do seu ato de fala, sua produção narrativa. Trata-se do plano em que há o uso de estratégia de linguagem com o intuito de produzir efeitos de sentido. Além disso, nas reportagens de um veículo mediático, observa-se o uso de certas estratégia e expressões pelo jornalista com o intuito de produzir, por exemplo, o efeito de ironia.

O *plano da estória* refere-se ao conteúdo, à sequência de ações, aos encadeamentos, ao enredo, à intriga e aos personagens. Trata-se do plano da diegese, ou seja, plano virtual da estória imaginada em nossa mente por meio da representação e do universo de significados. Vale ressaltar que este plano está fortemente ligado ao plano da expressão. No entanto, só é possível revelar as intenções comunicativas do narrador através da análise dos dois planos. E por último, o *plano da metanarrativa* está associado a fatores abstratos, como ideologia, cultura, moral e ética de maneira em que as ações da estória dialogam com os princípios do leitor para convencê-lo.

Numa primeira etapa é necessário compreender o fio da narrativa, a diegese, compondo e recompondo a estória de maneira a identificar as sequências básicas e os pontos de virada. Através da reconfiguração da narrativa se conhece o projeto dramático, os conflitos existentes na configuração da intriga. Motta conceitua o fio da narrativa como “o percurso que um incidente ou uma trilha que uma sucessão de



incidentes traça dentro da massa de estórias, tecendo uma trama principal” (2013, p. 37). Ao conhecer as partes que compõem a estória é necessário reconta-la de maneira resumida, *storyline*, descrevendo uma síntese da narrativa, os pontos de virada, os personagens que compõem a trama.

Recompomos a estória descrevendo as artimanhas do narrador, suas estratégias enunciativas (*ironia*, *flashback*), as intrigas entre os personagens, e suas disputas pelo poder, através do plano da linguagem e do plano da estória. Após evidenciar as estratégias do narrador e como ele convence o leitor com o seu enquadramento, alcançamos o conceito jornalístico de Veja na relação do índio com sua identidade cultural frente à globalização.

Atrémos à análise dos personagens (fontes da revista), um ator com traços antropomórficos, réplica na representação dramática, qualidades, atitudes e comportamentos próprios do ser humano (PRINCE, 1987) que aparecem nos textos e é considerado como uma “figura central da narrativa e eixo do conflito em torno do qual gira toda intriga” (MOTTA, 2013, p. 63). Além disso, vale ressaltar que não há estória sem personagem, não existe “uma só narrativa no mundo sem personagens” (BARTHES, 1971, p.41).

A última etapa do procedimento de análise consiste em revelar as metanarrativas. Posterior à realização dos movimentos de análise, elas se tornam mais nítidas. Como já afirmado anteriormente, as narrativas são construídas sob uma base ética, moral, ideológica e cultural. No entanto, cabe buscar esta essência do objeto e as contribuições fornecidas ao espectador. Ricoeur conceitua ideológica como um “sistema que organiza a visão conceitual do mundo em toda ou em parte da obra” (RICOEUR, 1995, 155).

## **ESTÓRIA DE VEJA: JOGO DE APARÊNCIAS**

Ao se adentrar na leitura das páginas de veja, o que se observa é que o índio se apresenta na narrativa como um indivíduo aculturado, que absorveu aspectos da “cultura do homem branco”, e em constantes conflitos por terra, com argumento de manter sua identidade cultural, como estratégia. Nas narrativas, a Funai, regulamentada pelo Estatuto do Índio é considerada como um órgão arcaico, distante da realidade da pós-modernidade, de cultura integrada, embora com suas diferenças, mas dentro de uma ordem legal. Como agente da narrativa, Veja ataca a Fundação Nacional dos Índios com



as suas políticas e objetivos de proteção às comunidades endógenas brasileiras. A cultura a cada passo da narrativa ganha mais aspecto de disputas por interesses econômicos e ideológicos de grupos de poder. Longe de serem neutros nesta estória, os indígenas se inserem nas guerras pela defesa da identidade e tradições, contra o modelo econômico neoliberal. No entanto, cada vez mais em disputas com mais tensão no território brasileiro, como descrito pelo narrador.

Os laudos produzidos por antropólogos “sem nenhum rigor científico e com claro teor ideológico” (05/05/2010, p. 154 ed. 2163) confirma “a farra da antropologia oportunista”, título da narrativa do dia 5 de maio de 2010. Os antropólogos aproveitam de processos de demarcação de terras para obter lucros para ONGs, na qual são vinculados.

Na composição da trama, Veja conta que os “critérios frouxos para a delimitação de reservas indígenas e quilombos ajudam a engordar as contas de organizações não governamentais e diminuem ainda mais o território destinado aos brasileiros que querem produzir” (05/05/2010, p. 154), como as empresas do agronegócio. Deste modo, a demarcação de reservas indígenas tornam territórios com fronteira que limitam à produção, inexplorados, prejudicando o desenvolvimento produtivo do Brasil.

Seguindo o fio da narrativa no enquadramento dramático, segue Veja, na sua composição, descrevendo de um lado as áreas férteis e não exploradas no Brasil que representam uma proposta de ampliação futura do agronegócio em referência ao mercado mundial. Do outro lado, as partes dessas áreas que já foram demarcadas para grupos específicos da sociedade ou para proteção ecológica. Ademais o governo ainda pretende criar um número significativo de reservas e destinar lotes para a reforma agrária “com a intenção de proteger e preservar a cultura dos povos nativos e expiar os pecados da escravatura” (05/05/2010, p. 154). Veja retoma narrativas anteriores e enfatiza as dívidas capitalistas dos tempos da colonização brasileira, que nunca será paga. Agindo assim, portanto, sem assumir o papel de protagonista na produção, o Brasil estará na contramão dos tempos pós-moderno, de uma sociedade do desenvolvimento econômico.

Na trama do lado daqueles que defendem o desenvolvimento do Brasil o narrador dá voz ao personagem protagonista, o antropólogo Mércio Pereira Gomes, ex-presidente da Funai e professor da Universidade Federal Fluminense, o qual afirma, “diante deste quadro, é preciso dar um basta imediato nos processos de demarcação”





(05/05/2010, p. 156). Como pano de fundo, rapidamente, descreve o narrador que as demarcações sem responsabilidades prejudicam o sistema capitalista, de produção agrícola, ao diminuir as terras produtivas.

A rigor, para uma comunidade ser considerada indígena ou quilombola são necessárias uma declaração de seus integrantes e um laudo antropológico. Os laudos são encomendados e pagos pela Fundação nacional do Índio (Funai), embora “muitos dos antropólogos que os elaboram são arregimentados em organizações não governamentais (ONGs) que sobrevivem do sucesso das demarcações” (05/05/2010, p. 156). Na narrativa, as ONGs impedem o desenvolvimento econômico brasileiro na proteção das terras improdutivas, as quais abrigam os povos indígenas, portanto, assumem o papel de antagonistas da história de Veja, na trama. O pior, o número de ONGs relacionado à causa de indígenas aumentou, e em dez anos a União repassou para estas entidades 700 milhões de reais. Como exemplo, o repasse de R\$88 milhões de reais pela União à instituição de Roraima, Conselho Indígena de Roraima (CIR), criada com o intuito de demarcar a reserva Raposa Serra do Sol, por padres católicos foi a terceira maior beneficiária.

Seguindo o enquadramento dramático, a região Norte e Nordeste é onde há mais pedidos de reconhecimento da identidade indígena. Além disso, na administração do Partido dos Trabalhadores (PT), o acesso a assistências como bolsa família, cesta básica é facilitado aos que são considerados minorias, como os indígenas e quilombolas, aumentando mais o problema do desenvolvimento econômico no campo. Há regiões em que é necessário ser apresentado como índio para ter acesso a auxílios destaca o narrador. Nesta perspectiva, localizada na região Nordeste, a personagem adjuvante de protagonista, Magnólia da Silva, neotupinambá baiana, diz: “aqui só tinha escola até 8º série e a duas horas de distância. Depois que a gente se tornou índio, tudo ficou diferente, mais perto” (05/05/2010, p. 161). A disputa segue entre a política de estado e o setor rural produtivo, na demarcação de terras e defesa das minorias, como as indígenas.

“Essas vantagens fizeram as pessoas assumirem artificialmente uma condição étnica, a fim de obter serviços que deveriam ser universais” (05/05/2010, p. 161), diz o protagonista, o sociólogo Demétrio Magnoli. Neste enquadramento dramático, o narrador conta que há comunidades que usam cocares comprados em loja de artesanato e em outros estabelecimentos que comercializam material de rituais pertencentes a religiões de outros povos. Entretanto, como descreve o narrador, “não basta dizer que é



índio para se transformar em um deles. Só é índio quem nasce, cresce e vive num ambiente de cultura indígena original” (05/05/2010, p. 159), afirma o protagonista, antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, do museu Nacional, no Rio de Janeiro. Outro personagem da narrativa no papel de protagonista é o presidente do Movimento Pardo Mestiço Brasileiro, Helderli Alves, que relata “desde que o governo começou a financiar esse tipo de segregação racial, os mestiços que moram perto de quilombos passaram a se declarar negros para não perder dinheiro” (05/05/2010, p. 161). No meio da narrativa, conta o narrador, o termo “índios ressurgidos” (05/05/2010, p. 156) é utilizado, como indivíduos sem uma identidade cultural própria, que estão interessados apenas em receber do governo benefícios da civilização para sua subsistência. Aqui, na narrativa de Veja, os valores passam a ser moedas para trocas econômicas, com dinheiro do estado, que no final impede a produtividade do agronegócio brasileiro, que parece assumir o papel de protagonista de Veja, acontecimento intriga.

Na composição imagética, o ex-presidente Lula posicionado ao lado dos índios, usando alguns objetos de suas tradições, sendo instruído a manusear um arco e flecha, está na “comemoração da demarcação da Raposa Serra do Sol, que *feriu* o estado de Roraima” (05/05/2010, p. 156). Na guerra entre índios e estado, o estado saiu ferido, com a perda de quinhões de solo para produção agrícola, parece dizer o narrador. De modo que, a demarcação da reserva prejudicou Roraima em relação ao desenvolvimento do agronegócio. Na narrativa, a imagem dos índios é tratada mais uma vez com destaque, usando roupas pertencentes à cultura dos “brancos”, com cintos, bermudas ou calças.

Construindo o seu enquadramento dramático, Veja em forma de box em sua estória apresenta personagens que descrevem ter sido aconselhados a se declararem como índios ou quilombolas para obter terras ou benefícios. Além disso, há vários casos que comprovam critérios falhos utilizados pela Funai para demarcar territórios. O motorista que jogou o ônibus escolar sobre agricultores, com um cocar “apenas de galinha, como os que se usam no Carnaval” (05/05/2010, p. 155), negro e pratica o candomblé, se afirmou índio. O box faz referência aos “novos canibais” (05/05/2010, p. 155), com narrativa do personagem da trama, o baiano José Aílson da Silva, irmão do cacique Babau, que também se declarou e foi preso por saquear e invadir fazendas no sul da Bahia, cuja tribo é composta por mulatos, negros e brancos.

“Um país loteado” (05/05/2010, p. 156) é o título de um infográfico que, na narrativa mostram dados e informações das áreas que são destinadas às reservas de



preservação ambiental, cidades e infraestrutura, reservas indígenas e quilombos, assentamentos de reforma agrária e às extensões que podem vir a ser demarcadas. No enquadramento dramático de *Veja*, a quantidade de áreas inexploradas que poderiam ser destinada para a produção e desenvolvimento do país são poucas, quando relacionadas ao tamanho do país.

Na sequência, a narrativa com o título “Teatrinho na praia” (05/05/2010, p. 158) descreve o narrador, em tempo pretérito, que se refere ao ato de 47 famílias caboclas se assumirem Boraris em 2005, estimuladas pelo fundador do Grupo Consciência Indígena, Florêncio Vaz, o qual lhes ensinou costumes e as coreografias referentes aos rituais tradicionais. Embora a etnia já tenha desaparecido, desde o século XVIII, devido à assimilação da cultura do homem “branco”. O protagonista Graciano Sousa Filho, vizinho da comunidade, afirma que o cacique “se pinta e se fantasia de índio para enganar os visitantes” (05/05/2010, p. 158). O personagem cacique Odair José, antagonista, de 28 anos, aparece na estória, usando um cocar na cabeça, vestido com uma camiseta vermelha que tem uma imagem de índios e uma frase “Sou índio sim! E não tenho vergonha disso”. O que se observa é a reafirmação de uma identidade pelo personagem que usa apenas com um acessório indígena, com roupas referentes à cultura do homem branco. No final, tudo não passa de farsas como estratégia para as disputas contra os produtores do agronegócio.

Na composição da trama, *Veja* conta sobre os personagens, as comunidades que usam da representação, da autoafirmação de uma identidade para a obtenção de benefícios. Em contra partida apresenta os impactos causados na sociedade, caso as comunidades que reivindicam a demarcação de territórios consigam suas reservas, o maior prejudicado será a agricultura brasileira, no fio da estória. Os “Macumbeiros de cocar” (05/05/2010, p. 158,159) da comunidade de São Gonçalo do Amarante, Ceará, sob ameaça de instalação de um complexo industrial, o padre articulou com seus fieis a se declararem índios. Prossegue na narrativa as disputas entre os personagens na intriga, envolvendo comunidade e grupos econômicos.

Na narrativa “Made in Paraguai” (05/05/2010, p. 159 ed. 2163), 17 famílias que foram deslocadas do Paraguai para Morro dos Cavalos em Santa Catarina pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi). O objetivo seria o de demarcar uma reserva, como conta Milton Moreira, 49 anos, personagem da narrativa. “A Funai e o Cimi falam para gente dizer que é carijó” (05/05/2010, p. 159).



Conta Veja que um acordo barrado em 2007 pela Funai, no qual foi oferecido a 50 famílias de guaranis residentes em uma praia de Peruíbe, litoral sul de São Paulo, uma fazenda produtiva, com infraestrutura e mais R\$1 milhão de reais para cada família pelo empresário Eike Batista. Mas a Funai acredita que “índio bom é índio pobre” (05/05/2010, p. 160). O narrador mantém sua estratégia em desconstruir a instituição mantida pelo estado, em defesa dos indígenas brasileiros. No final, a narrativa segue como pano de fundo a defesa da produção agrícola nas terras produtivas, ocupadas pelas tribos. Desta forma, os personagens se movimentam na estória na defesa de seus interesses, usando estratégias, como desvela o narrador. No final, a atenção está no poder do estado na decisão de apoiar o agronegócio.

O narrador descreve, na sequência do seu enquadramento dramático que no Rio Grande do Sul na região de Getúlio Vargas, na qual há fazendas que já estão instaladas na região há mais ou menos 150 anos, de colonos italianos, alemães e poloneses, estão sendo ameaçadas pelos índios. Para lá foram transferidos comunidades indígenas que se alojaram em torno das fazendas. “Problema dos brancos” (05/05/2010, p. 160), conta Veja, pois de acordo com a Funai a área é tradicional dos indígenas, e sugeriu a criação de uma reserva, que, no entanto resultará na expulsão dos “brancos”. A Funai segue no papel de protagonista na defesa dos nativos em terras do sul do Brasil no confronto com colonos europeus, na contraposição à diegese do narrador, que se afirmam em sua estória os grandes produtores do agronegócio, em tempos neoliberais.

22 famílias descendentes de sergipanos teriam migrado há 100 anos para trabalhar com o látex no interior do Amazonas, foram declaradas como quilombolas, conta o narrador, como descendentes de escravos fugidos. No entanto, os grupos familiares se auto declaram “os carambolas” (05/05/2010, p. 161), para poderem permanecer na área demarcada como Parque Nacional do Jaú.

“Não basta ser negro” (05/05/2010, p. 161) é necessário se declarar como quilombola para se beneficiar com as demarcações de terras. José Adriano Carvalho é dono de terra há 68 anos, que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) demarcou para o quilombo São Miguel. Isso apesar, de parte dos negros terem sido contrários ao processo demarcação. Como conta Carvalho, “O Incra veio com papo de regularizar minhas terras, mas, quando mostrei que a documentação estava em ordem, eles disseram que a intenção era tirar os brancos daqui” (05/05/2010, p. 161). No final, o objetivo da Funai é atacar os homens brancos, sem critérios muito bem definidos, conta o narrador.



Segue a estória com atenção ao antagonista, personagem da trama na disputa pela demarcação de terras na defesa dos interesses dos nativos. Funai segue como um órgão que está interessado apenas em demarcar reservas para os índios, sem observar a política de produção agrícola, o agronegócio brasileiro. Nesta narrativa como enquadramento dramático, o narrador conta que “antropólogos, ativistas políticos e religiosos se associaram a agentes públicos para montar processos e criar reservas” (05/05/2010, p. 154), emitindo laudos sem veracidade.

“A gente sempre foi índio, só não sabia” (05/05/2010, p. 159), afirma Francisco Moraes, antagonista na trama de Veja, que se apresenta como Cacique Junior. Embora, suas práticas culturais sejam na verdade a macumba e dança de São Gonçalo pertencente à cultura africana e portuguesa, eles afirmam ser de índios da etnia anacés (extintos há 200 anos). Condição do personagem que leva a ironia sobre suas revelações, no contraste sobre os fatos apresentados na estória de Veja.

Como pano de fundo da narrativa, pessoas, comunidades que se assumem, aprendem os rituais, se vestem, se pintam, encenam, como índios, ou quilombolos para obter terras. Ademais, o que se observa na composição imagética é um jogo de aparência, em que personagens que se assumem como indígenas, ou como quilombolos usam alguns adereços referentes a uma mistura cultural, para terem suas necessidades atendidas.

Em essência, a narrativa segue deslegitimando os grupos culturais das regiões em que ocorrem demarcações de terras e disputas com o agronegócio, de modo a evidenciar um Brasil da produção. A cultura, nesta perspectiva, toma lugar de estratégia para as comunidades salvaguardarem seus interesses, com apoio da Funai. Como pano de fundo, o dinamismo do país para a produção agrícola, em detrimento das culturas locais, que passam na trama como antagonistas de Veja. Cada vez mais o narrador mantém a relação contraste à cultura do país distante da realidade global dos tempos da pós-modernidade e desenvolvimento econômico. Segue a disputa entre Cultura nativa versus cultura global, no fio da narrativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A nova configuração social, em que as culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras, faz com que haja um intercâmbio denso de trocas simbólicas, levando as comunidades ao processo de hibridização. Ademais a mídia passa a ocupar



uma posição de destaque nas relações produtivas e sociais, atuando na sociedade reproduzindo bens simbólicos para configuração nas narrativas das culturas locais, como as brasileiras, à semelhança as ideologias ocidentais.

Ao analisar a identidade do indígena a partir da narrativa de Veja, objeto de desta pesquisa, sua composição como protagonista na estória está na condição favorável ao desenvolvimento, um sujeito inserido no sistema capitalista, atuando como mão de obra trabalhadora, portanto, conforme o projeto dramático do narrador. Como antagonista, por sua vez, quando se assumem como indígenas para adquirir benefícios e auxílios, embargam construções, entram em propriedades de agricultores e provoca conflitos entre fazendeiros e agricultores para ter suas reservas demarcadas. Vale destacar que Fundação Nacional do índio (Funai) e o Estado nacionalista, com sua política indigenista anacrônica, preocupada em apenas demarcar territórios para os indígenas, no papel de antagonista pelo narrador, na perspectiva do narrador age em oposição ao desenvolvimento econômico do Brasil. No final, retiram cada vez mais áreas que poderiam ser destinadas à produção, ao agronegócio, para áreas de reserva. Além disso, a Funai além de não proteger e fornecer auxílios para que as tribos tenham qualidade de vida, não permite que elas se desenvolvam.

Os índios como personagens da narrativa de Veja ao longo da estória passam aculturados, inseridos na sociedade e com desejo de acesso às tecnologias, integrando-se ao sistema capitalista. Nas disputas com o Estado nacionalista, o narrador descreve as instituições estatais como antagonistas, as quais designam os índios como seres primitivos, não exatamente uma política para a defesa de sua identidade cultural. Estereotipadas pelo narrador, na disputa pelo modelo econômico neoliberal, configurando seus personagens. Afinal, a transformação cultural é inexorável, a qual obteria mais riquezas e participação na sociedade, com a inserção nos valores ocidentais, fazendo parte das suas instituições. A mitologia na disputa com a ciência, dos tempos pós-modernos racionais.

Neste embate entre o discurso emitido pela mídia e as lutas políticas dos indígenas contra o domínio ideológico, faz com que o índio seja classificado como antagonista na narrativa de Veja. Por sua vez, na narrativa de Veja os indígenas, entretanto, se inserem nos combates pela defesa da sua identidade e tradições, contra o modelo econômico neoliberal. Porém, como instrumentos do governo para política nacionalista e desconectada da realidade da ordem mundial. Por fim, a realidade de transformações dos índios brasileiros é inexorável, que diferentemente da época da



descoberta do Brasil, não brasileiros aculturados, vivendo com dignidade e conectados com os valores pós-modernos.

## **REFERÊNCIAS**

- BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. 14ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **A economia informacional e o processo de globalização**. In:2000.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 16ª ed., São Paulo: Loyola, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- FRAGA, E. C. F. **Disputa simbólica pelo poder político - a construção narrativa do jornalismo**. UnB, Brasília/DF, 2013.
- IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. 10ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.
- KELLNER, DOUGLAS - **Cultura da Mídia**. Bauru, EDUSC, 2001.
- LATRES, H, ALBAGLI, S. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus Ltda, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Edição 2013.
- MENDONÇA, M. L. de M. (Org.). **Mídia e Diversidade Cultural**. Brasília: Casa das Musas, 2010.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da Narrativa**. No Prelo, 2012.
- MOTTA, Luiz. G. **Narratologia: análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2004.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed., 14ª reimpressão 2012.
- THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- THOMPSON, John B. **Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.